

As "fôrças-vivas", que erigiram as suas fortunas sobre os cadáveres que tombaram nos campos da Flandres, permitiram-se o arrôjo de especular com as suas vítimas para favorecer os seus mesquinhos interesses

O órgão das fôrças vivas publica uma nota oficiosa da policia que afirmava que todos os indivíduos deportados tinham várias prisões. O critério dos orientadores daquele jornal que apregoa a regeneração da pátria pelo predomínio dos banqueiros e dos comerciantes pauta-se pelo critério obtuso dos cabos de esquadra.

Se o nome de um advogado não figurasse como director da referida gazeta ainda se admitiria a gaffe. Mas não, é um advogado, um homem que cursou em Coimbra, que estudou leis, que tem obrigação de conhecer os mais elementares problemas de Direito, que se permite insultar homens que não foram sequer à presença dos tribunais, fazendo fé pelo que a policia apetece inscrever nos cadastros do Governo Civil. E' o homem que tanto pugna pelo respeito da lei que infringe publicamente as mais rudimentares normas de Direito, acusando criaturas sobre cujos prováveis delitos a justiça não se pronunciou ainda.

Mas, quando a má fé e o ódio vesgo animam o adversário ele não se importa de passar por ignorante e estúpido, só para alimentar o repugnante capricho de sustentar uma acusação. E' o caso do director do *Seculo*. Ele não assinou o artigo porque um bacharel em Direito ficaria deslustrado assinando aquella barbaridade jurídica, mas sancionou, como director da gazeta, as asneiras odiosas porque assim convinha a uma politica que só da mentira e da baixa vive.

Se procurarmos no Governo Civil os cadastros de muitos dos homens que pretendem a manutenção das deportações, só porque os deportados foram presos muitas vezes por suspeita de "inimigos da sociedade", "detenção de explosivos" e outros "papões policiaes", verificaremos que tão criminosas são algumas das mais prestigiosas figuras politicas da nossa terra como os deportados que estão morrendo na Guiné. A' face dos cadastros da policia, os deportados e muitos dos politicos que desejam que as deportações se mantenham são perfeitamente iguais. E não se compreende que por idênticos delitos uns sejam deportados e outros não.

Não sabemos se o director do *Seculo* já foi preso. Mas está sujeito a que lhe aconteça essa infelicidade, como aconteceu ao sr. Carlos de Oliveira, da U. I. E. Este último, por exemplo, deve ter um cadastro mais assustador do que os chamados "legionários". Salvo se a policia abriu para ele uma inexplicavel excepção é que o sr. Carlos de Oliveira não é um "elemento perigoso", que faz parte duma "organização suspeita" e "suspeito de detentor de explosivos", como se depreende dum documento que lhe foi encontrado em casa. Pela lógica do *Seculo* o sr. Carlos de Oliveira deveria estar na Guiné. A sua permanência em Lisboa é um alarme para os espiritos sossegados da boa e laboriosa população portuguesa.

Ai está como o *Seculo*, cego pelo ódio, engendra doutrinas jurídicas que atingem os da casa, que colocam

os pacatos componentes da U. I. E. em pé de igualdade com os terríveis "legionários".

Mas eles, lá os das fôrças-vivas, sabem muito bem que a sua doutrina enferma de contrasenso, e que em toda a parte do mundo uma informação da policia, à face da lei, vale tanto como a informação dum José dos Anzóis qualquer. O que se pretende, ao fingir acreditar na importância e na infalibilidade das informações policiaes, é abusar da ignorância do povo, para concluir por esta monstruosidade: que a policia pode, como um tribunal regular, condenar quem lhe apeteça ao degredo e à morte. As fôrças-vivas convêm neste momento este critério rasteiro e bárbaro porque a iniquidade e a injustiça não lhes tocam pela porta.

Por outro lado faz o *Seculo*, muito a despropósito, uma especulação sentimental com a miséria dos mutilados e vítimas da grande guerra. E' o supremo escárnio lançado à face das vítimas pelo órgão dos seus carrascos!

Que fazia o director do *Seculo* quando o povo português se batia por uma causa que pertencia apenas aos grandes potentados? Atraiçoa essa pátria que ele agora finge defender em fâceis artigos de jornal, administrando os bens duma casa alemã, à qual tinha ligados íntimos interesses de família!

Que faziam as fôrças vivas quando esses pobres mutilados, de cuja sorte o *Seculo* agora tanto se condoi, tombavam na Flandres ou nas plagas africanas? Matavam-lhes os

filhos à fome e forneciam-lhes géneros avariados!

E' preciso ser-se dum cinismo revoltante para, em nome dos banqueiros que especularam com a guerra, com a carne miserável dos mutilados e dos mortos, com a fome do povo sacrificado, se acusar o Estado dos crimes que só a eles, banqueiros, aproveitaram!

Só uma alma de sclerado pode vir agora a público brandir, numa comédia feroz e macabra, os membros trucidados dos que se inutilizaram na carnificina em holocausto à riqueza, ao bem-estar, ao afrontoso luxo dos que se permitem o capricho de sustentar um grande órgão na imprensa para defender, com sofismas reles, essas situações criminosas!

Os banqueiros, os comerciantes, os industriais, os da quadrilha que durante a guerra aproveitaram a chafarada dos filhos do povo para saquear o povo, falaram ontem pela voz do *Seculo*!

Os 10.000 contos com que as fôrças-vivas compraram o *Seculo* que nos insulta foram arrancados ao sangue dos batalhões que morreram na guerra!

Como são inocentes os crimes da Legião Vermelha junto dos crimes das fôrças vivas!

Os ladrões troçaram ontem dos roubados!

Os assassinos revolveram, como feras insaciáveis, as sepulturas das suas vítimas!

O Crime fez do seu Crime uma farça para divertir-se!

Morra o Crime!

O comício do Porto contra as deportações resultou uma imponente manifestação do espirito progressivo da população da cidade invicta

PORTO, 16.—O comício ontem promovido pela U. S. O., resultou uma imponente manifestação contra as detestadas deportações e contra quem as executou e mantém — bem como redunando numa bela sessão ao ar livre — na Alameda das Fontainhas — de propaganda sindical e revolucionária.

O comício de ontem excedeu mesmo a imensa de proletários de ambos os sexos a lavra o seu vemente protesto contra a tirania desta monarquia de barrete frígido.

Pelas 18 horas, Vaz Osório assumiu a presidência da magna reunião, secretariado Miguel Moreira Artur Palet, da Comissão encarregada de levar a efeito este protesto. Depois do presidente explicar quais os fins do comício, tendo breves frases de repulsa pelas deportações iníquas, Marcelino Pedro, secretário adjunto da U. S. O., principiava por desejar possuir uma compleição física robusta, uns pulmões fortes, para que todo o mundo que o escuta ouvisse bem alto a revolta que lhe vai na alma contra as prepotências emanadas dos altos magnatas da república.

Se houvesse probabilidades de voltar à vitalidade aqueles precursores que tombaram em 31 de Janeiro de 1891 pela primeira república, e vissem este local em que a república chafarada quasi desde o primeiro momento — eles, certamente, insurgir-se-iam contra este regime que, deturpando-lhes as intenções, esmagando-lhes o seu idealismo, em nada se diferencia das monarquias mus-solínicas e riverísticas.

E num esboço histórico da célebre escalada de Monsanto, demonstra como o operariado soube dar a sua vida pela defesa da república, enquanto os politicos pseudo-republicanos covardemente se escondiam debaixo da cama.

Nem crescendo de acusações formidáveis contra esta república de crápula e contra os seus falsos dirigentes, alude ao sedio chafarado das autoridades policiaes e governamentais, considerando de bombistas todos aqueles que defendem princípios de justiça e de humanidade.

Se é legítimo prenderem-nos e deportarem-nos como bombistas, embora falsamente, então também o sr. António Maria da Silva deve ser preso e deportado como primeiro introdutor da bomba em Portugal. Cita igualmente o patriotismo do grande messias Afonso Costa, que ultimamente veio ao país ganhar algumas centenas de contos por causa de negócios do B. N. U. E'is o grande salvador, o principal responsável de toda a derrocada nacional!

Após citações interessantes da vida pública dos nossos principais governantes, que se arrastam pelo desperdício dos banquetes e do deboche — afirma que estes é que deviam, com mais propriedade, estar na Guiné, em Cabo Verde e nas prisões de Lisboa.

Termina, entre aplausos, por aconselhar a que todos os que se reúnem à sua volta façam bradar bem altissonante o seu protesto em favor dos deportados — os quais cometeram o crime de lutar pela liberdade e pela república no momento em que aqueles que agora estão a ser julgados — em paródia — pela rebelião de 18 de abril, pretendiam implantar uma "monarquia ditatorial".

De acordo com as fôrças da U. I. E. Saúl de Sousa, pela Delegação Confederal do Norte, faz a declaração perentória de que o povo trabalhador não quer fazer a defesa, e muito menos a apologia, de criminosos, partam eles de onde partirem.

Mas o que também não pode consentir, sem a sua mais indignada revolta, é o cometimento de toda a sorte de arbitrariedades, confundindo-se, propositalmente, operários honestos com outra gente de delitos comuns. O povo trabalhador não vem ao comício solidarizar-se com criminosos, visto que sempre atacou os maiores delinquentes de alto coturno: vem pedir justiça apenas, para que sejam reparados nefandos erros, enormes atrocidades, praticadas em criaturas que foram arremessadas para as insóportáveis plagas africanas contra os preceitos da legalidade e da humanidade.

Crítica acerbamente a politica dos governantes e a tirania capitalista; e referindo-se às torpes acusações que as autoridades e burgueses fazem aos que pugnam por um ideal de beleza, por um melhor bem-estar da humanidade — diz que se isso é ser-se legionário, então é também um grande legionário, como legionários são todos os que estão ali, aqueles que experimentam os mais duros estigmas da miséria.

Chamem tudo o que quiserem aos operários: legionários, agitadores, revolucionários, mas não lhes chamem ladrões, porque esses encontram-se em todas as repartições do Estado, no alto... os que constituem as legiões branca, preta, etc.

Faz, a seguir, um ataque cerrado à "classe" parlamentar, que está a precisar de uma forte vassourada desenvolvida pela ira do proletariado consciente.

Demonstrado que os politicos monárquicos estão vingados dos politicos republicanos — embora estes sejam adesivos — afirma mais uma vez que o povo não está com criminosos, mas não quer, também, que se deposite por palpito e sem apuramento de responsabilidades: pretende que as vítimas sejam repatriadas e, depois de averiguadas as suas culpas prováveis, fazer-se a devida justiça — reconduzindo aos lares os respectivos inocentes.

António Inácio Martins fala pelo Núcleo da Juventude Sindicalista. Começando por se referir aos processos da imprensa mercantilista, censura as novas atitudes que se estão levantando para o início de novas perseguições. Faz também um confronto entre as promessas de ontem e as realidades de hoje, e frisa que os núcleos das juventudes sindicalistas não se assemelham às casernas, escolas do crime disciplinado e legalizado.

Os N. J. Sindicalistas querem, sim, a transformação social — mas por meio da propaganda, pela educação das massas escravizadas.

Salienta o "bom" pago que tiveram os

que lutaram contra os reacçãoários de 18 de Abril: foram parar à Guiné e a Cabo Verde sem culpa formada, sem julgamento de espécie alguma, enquanto os criminosos rivisitas da desordem militar abortada estão sendo refasteladamente "julgados"; protesta contra as infamantes deportações e contra as iniquidades dos politicos, embora se insurja mais contra o povo que os consente, em vez de os escorregar.

Entende, por último, que só uma acção enérgica do proletariado, a greve geral revolucionária, por exemplo, é que poderá resgatar as vítimas de Vitorino Guimarães.

Segue-se João Timóteo, o qual não podia ficar silencioso ante uma manifestação daquela natureza. Por isso, vem perante aquela massa compacta de trabalhadores, trazer também a sua revolta contra as monstruosidades governamentais, dos politicos, e a favor dos deportados. Combate a burguesia, desmascara a politica e repele as acusações dos detractores do proletariado, dessa legião imensa de famintos, a única que conhece.

Não, o proletariado não pode ficar inerte diante da torpeza das deportações: o seu protesto tem de ser enérgico, vemente, estrondoso, não só pelas vítimas que fenecem em áridas terras de África, mas ainda pelos presos que, pelas mesmas ideias de redenção humana, sofrem nas torturantes prisões do Limoeiro, Monsanto e outras.

Depois demonstra que a pena de morte ainda subsiste em Portugal — as deportações e a morte de três deportados ali estão a atestá-lo; que a inquisição redive — e os espancamentos de presos nos calabouços da policia, assim o provam exuberantemente.

Insurge-se contra o facto de, contra o preestabelecido nas leis constitucionais, se manter presos sem culpa formada mais de oito dias e incomunicáveis mais de 48 horas. E' que as leis nesta república inquisitorial são farrapos imundos de que os governantes se servem mesmo para uso de carácter privado.

Após mais algumas considerações de critica e revolucionárias, é lida a seguinte moção, que é aprovada com uma vibrante e prolongada salva de palmas e entre vivas à organização operária, C. G. T., deportados, e abaixo a tirania, etc.

"Considerando que a actual situação dos presos por questões sociais é, além de ilegal, anti-humana, pois sintetiza a completa negação de tudo quanto em matéria de liberdade foi outrora apregoad e prometido pelos então propagadores e hoje dirigentes do regime que vigora;

Considerando que o procedimento do governo Vitorino Guimarães é o que há de mais reacccionário — enviando para África indivíduos presos sem culpa formada, o que é atentatório da própria Constituição politica do país, que eles dizem defender, mas que só conspurcam;

Considerando ainda que a mistura com esses indivíduos deportados foram em acinosa perseguição envolvidos alguns camaradas nossos — cujo unico "crime" consiste em amar extremosamente a Liberdade tão reacccionariamente atraída;

O povo do Porto, reunido em comício público, no dia 15 do corrente, na Alameda das Fontainhas, para apreciar tal magno assunto — resolve:

1.º — Protestar veementemente contra o procedimento vergonhoso e covarde dos traficantes da democracia;

2.º — Exigir o regresso imediato dos indivíduos deportados a fim-de que sejam submetidos a julgamento de responsabilidades, pondo em liberdade os inocentes;

3.º — Que este protesto seja extensivo aos presos por questões sociais a ferros da República no continente;

4.º — Que este protesto seja presente às autoridades superiores do distrito para estas o fazerem chegar a quem de direito — ficando todo o povo operário do Porto na expectativa para, se for preciso, se manifestar, quando seja indispensável, mais revolucionariamente, para mostrar aos iníquos inquisidores que os processos do 13 de Fevereiro da monarquia têm de baquear de vez!

Depois de Marcelino Pedro voltar a falar, proferindo um incisivo discurso — o comício é encerrado depois das 19 horas, dispersando a multidão aos vivas à C. G. T., deportados, etc., sem que houvesse o mínimo incidente — a pesar-da competente e regular guarda de honra policial.

Foi, repetimos mais uma vez, uma excelente jornada da U. S. O., que ficou satisfeita pela significativa manifestação que o perariado do Porto lhe dispensou. — C.

A atitude da Federação Marítima

A Conferência que vai ter lugar em Santarém, no dia 27, promete revestir grande importância

Como já noticiámos, os Sindicatos Marítimos e Fluviais que estão em desacordo com a atitude da Federação Marítima, reúnem-se em Conferência, no dia 27, em Santarém, tendo essa reunião como objectivo resolver definitivamente o conflito que há algum tempo se vem arrastando entre os dirigentes dessa Federação e a C. G. T.

Publicámos ontem a moção que a Comissão de Relações dos Sindicatos Marítimos e Fluviais do Sul enviou a todos os sindicatos marítimos e fluviais que estão em desacordo com a atitude da Federação Marítima e simultaneamente demos também noticia de que os Sindicatos de Descarregadores de Mar e Terra de Vala do Carregado e de Almada tinham nomeado delegados a essa Conferência, respectivamente, os

Campos de batalha e... campos de petróleo. Como os franceses e ingleses protegem os seus interesses na Arábia

Quando o exército inglês do general Allenby auxiliado por alguns batalhões franceses, atravessou o istmo de Suez para combater os Turcos na Asia-Menor, esse exército não tinha nenhuma probabilidade de vencer, a não ser que contasse com a ajuda das tribus árabes ou pelo menos com a sua neutralidade. Os efectivos aliados era muito fracos para o imenso campo de batalha que lhes estava preparado; a diplomacia aliada teve pois que trabalhar, a fim-de compensar a falta de exército do Oriente. Não era muito difícil a tarefa. As populações árabes compreendidas no antigo império otomano, tinham-se revoltado freqüentes vezes contra a dominação turca com o fim de conquistar a sua independência; as populações drusas, entre outras, sublevaram-se também repetidas vezes contra os turcos opressores, da mesma maneira que hoje se revoltam contra os imperialistas franceses.

Durante a guerra, no momento em que se efectuava a marcha sobre Jerusalém, os aliados conseguiram obter das tribus árabes que elas entrassem na guerra ao lado dos exércitos aliados contra os turcos.

Os árabes pelo tratado do Cairo em 1915, obtiveram a promessa solene dos aliados, de que em troca do seu concurso seria criada uma confederação dos Estados árabes, composta de toda a Arábia, da Síria, do Líbano, da Transjordânia e da Palestina.

Efectivamente a Arábia foi separada do império otomano e os Estados Arabes foram reconhecidos pelos tratados de Versailes e de Sevres, mas os turcos opressores foram substituídos pelos imperialistas ingleses e franceses. As revoltas sucessivas dos árabes, drusos, muçulmanos ou wahabitas, provam que de há muito tempo, as populações da Arábia compreenderam que tinham sido vergonhosamente intrujadas. Livraram-se dum opressor mas foram cair noutro mais rapace e cruel. Com efeito os aliados prestam-se de boa vontade a crear uma Confederação dos Estados Arabes, mas sob o seu "protectorado". O fim da Inglaterra e da França é substituir o regime dos mandatos limitados pelos dos "protectorados coloniais". Perante as reivindicações turcas sobre Mossul, a Inglaterra opõe o reconhecimento do reino de Irak sob a sua "protecção" durante 25 anos; a Inglaterra também aceitará o texto do mandato sobre o Irak, com a condição, evidentemente, de que seja ela a potencia mandatária; a forma pouco lhe importa, contanto que o monopólio dos petroleos de Mossul continue nas mãos da Anglo-Persian Oil Company.

Evidentemente, o que a Inglaterra desejava era que a vila de Mossul passasse aparentemente para o sequeiro de Tayçal, seu acólito, e com quem fez um tratado de aliança.

A recente viagem de Fayçal a Londres é bastante significativa. O imperialismo inglês serviu-se e serve-se ainda de Fayçal contra os franceses. A concorrência dos industriais petrolíferos, e os campos de petróleo da Asia-Menor que são os mais antigos do mundo, enquanto existiu o imperialismo, continuaram a servir de campos de batalha.

A Inglaterra ultimamente já não quer partilhar com os outros. Todos sabem que pelo acordo de San-Remo, em de-

zembro de 1920, o governo britânico cedeu à França 25% do petróleo que encontrasse na sua zona de influência. Em compensação, a França prometeu à Inglaterra que faria uma rede de tubos através do território que estivesse sob o mandato francês na Síria.

Este acordo, certamente, é apenas provisório e não quer dizer de forma alguma que tenha terminado a batalha dos petroleos de Mossul, batalha esta que actualmente ainda continua em Genebra.

Os povos da Asia-Menor ainda não acabaram de ser intrujados. As divisões religiosas enfraquecem os povos da Arábia que desejam lutar pela sua independência.

Os aliados procuram por todas as formas fomentar, continuamente, combates fratricidaes entre estes povos da Arábia, mas dia virá dâsem que os dois países imperialistas pagarão tudo duma vez.

Notas & Comentários

A nossa aviação

O "Fairrey-3", tripulado pelos aviadores capitão Craveiro Lopes, tenente Dias Leite e sargento ajudante João dos Santos, que partira ante-ontem para Madrid, primeira etapa do "raid" Lisboa-Marracos, caiu em Fregenal de la Sierra, pequena cidade da provincia de Badajoz. Mais um desastre de aviação. Portugal é o país da Europa onde se voa menos e onde se cai mais. Se a imprensa em vez de cantar patrióticamente os progressos da aviação portuguesa explicasse ao publico o que é a aviação comercial no estrangeiro, contribuiria melhor para o desenvolvimento da aviação nacional. De Paris para Londres, para Bruxelas, Berlim, Viana, Roma e de Londres para o Norte America fazem-se carreiras regulares, constantes, obedecendo a horários e vice-versa as carreiras são de hora a hora — e os desastres são tão raros, como os de caminho de ferro. Em Portugal quando se voa, os jornais trazem parangonas anunciando a "heroica" partida e no dia seguinte mais parangonas relatando o "lamentavel desastre".

Para a Guiné...

A propósito do tétrico artigo de fundo de anteontem do órgão das fôrças vivas, dizia ontem O Mundo:

"O órgão das fôrças vivas, num quadro apavorante, dizia ontem que, em 12 meses, haviam explodido em Lisboa 140 bombas. Está certo. Faltou, porém, ao referido órgão, dizer quantas dessas bombas rebentaram por sua conta própria... Sim, porque documento encontrado em casa do membro do conselho administrativo do *Seculo*, sr. Carlos de Oliveira, é elucidativo. O Mundo publicou-o e, se for necessário, tornará a apresentá-lo ao publico, para que o país saiba quem são, afinal, os bombistas..."

Não compreendemos também por que motivo o sr. Carlos de Oliveira não foi parar à Guiné...

A propósito do caso de Setúbal escrevem-nos uma carta que alguma luz pode fazer

João Maria Major, que a policia fez remover para o governo civil de Lisboa acusado de connivência no atentado praticado há dias em Setúbal, envia-nos do calabouço 6 a carta que a seguir reproduzimos:

Camarada redactor! — Todas as pessoas que me conhecem, pasmarão, de certo, com a grande reportagem dos jornais reacçãoários a propósito dum susto que um industrial de Setúbal apanhou, em virtude de duas pequenas detonações perto dos seus ouvidos. Os grandes rotativos preencheram um pouco a grande falta de assunto com que entrete os seus leitores e facultaram-lhes mais um momento de prazer, por poderem bolsar insidias contra militantes da organização operária.

Eu fui — no dizer desses jornais — o instigador do crime que um desvaído cometeu, depois de ter dito a muitas pessoas o que tencionava fazer.

Eu fui — segundo a imprensa — quem forceceu a arma que o criminoso, muito tempo antes do crime, procurava conseguir de várias pessoas, sem explicar os motivos que o levavam a munir-se dela.

E, finalmente, eu fui o que convenci, por meio de promessas de dinheiro, o infeliz desempregado a tentar contra a vida de um homem, cuja morte nunca poderia modificar um sistema politico nem influir levemente sequer na organização da industria local, nem mesmo satisfazer um presumível espírito de vingança pessoal, visto que nunca em minha vida atribui a esse homem responsabilidades nas perseguições que me têm sido movidas. Mas a pesar de tudo isto, o indivíduo que, antes de cometer o atentado, alardeava que havia de vingar a sua miséria, filha da falta de trabalho, entendeu que, para o aliviar das suas culpas, bastava apontar-me como responsável do crime, na presença dos indivíduos que mais me odeiam.

E nada me valeu o protestar contra tal infâmia. O desvaído vir a desaparecer o pavor que lhe causava o aparato policial à sua volta, e sentia-se bem diante dos aplausos da fingida complacência das autoridades e do alveado que assistiu aos seus interrogatórios.

E prosseguiu sempre, uma série de porrenuncios inventados de momento, que ele apresentou como factos verdadeiros, o que é fácil para quem está em tal situação, e já mais quando procura ferir um homem que está na sua presença, preso nas mãos dos que mais desejam a sua aniquilação.

E já não foi preciso mais, nem investigações, nem qualquer pequena diligência que podesse trazer mais luz ao caso.

As acusações de um homem, sem qualquer outra prova, foram o suficiente para me arrastar à prisão em condições que já por mais de uma vez pretenderam colocarme. Fui, contra todas as disposições legais, entregue à policia de Lisboa, quando sou acusado dum delito cometido em Setúbal.

Há muito para dizer a propósito deste fantástico caso, mas não tenho pressa. Hoje quero só fazer mais umas leves apreciações, que não deixarão decerto de interessar os leitores de *A Batalha*.

* * *

Fui remetido para Lisboa, e estou sob a ameaça de ser deportado arbitrariamente, como tantos outros. A policia de S. E. está empenhada em limpar o país de todos os perigosos — que põem em perigo a vida dos cidadãos.

A guerra de Marrocos

Abd-el-Krim vai de novo atacar Tetuão

FEZ, 17.—Depois dum brilhante assalto, as tropas francesas ocuparam o massiço de Bibane. Do campo mouro anunciaram um próximo ataque de Abd-el-Krim contra Tetuão.

Tribus que traem a sua causa

TANGER, 17.—Os destacamentos franco-espanhóis operando a margem esquerda do Loukhos inflingiram sérias perdas ao inimigo.

Os «beni-mistrata» e «masmouda» apresentaram os seus protestos de submissão.

Os franceses cantam hossanas aos feitos das suas tropas

FEZ, 17.—O intenso bombardeamento pela aviação do massiço de Bibane preparou a sua tomada pela infantaria, vinda do norte, e pela cavalaria, vinda do sul, que nele fizeram a sua junção.

Os mouros das tribus dos «benemes», «guilid» e «benerbia» regressaram às suas aldeias.

No centro, submetem-se os «beni-bram».

O êxito da tomada do massiço de Bibane constitui não só um importante feito militar, mas uma considerável vantagem política pois coloca de novo na posse das forças francesas toda a região dos «beni-ourigheis» cuja defeção havia perturbado largamente a política na linha de batalha do Ouergha.

Os mouros lutam com energia em Tetuão, interrompendo as comunicações com Tanger

TANGER, 17.—Continuam encarniçadamente os combates entre rifenhos e franceses em torno do massiço de Bibane.

Entre Tanger e Tetuão acham-se interrompidas as comunicações, em virtude da sanguinolenta batalha travada entre as tropas espanholas e as tribus de djeballas.

CONFERÊNCIAS

O espírito desportivo no nosso meio

Amanhã realiza-se na sede do Grupo Excursionista «8 de Setembro de 1906», uma conferência sob o tema «Como eu interpreto o espírito desportivo no nosso meio», que será feita por um conhecido desportista.

A direcção daquele grupo convida a assistir à imprensa, direcções de clubes e desportistas da capital, fazendo a entrada mediante apresentação dos respectivos cartões de identidade.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

«O Porvir da Família Telegrafo-Postal» Na reunião da assembleia geral efectuada em 15 do corrente para discussão e aprovação do novo estatuto desta instituição, foi no final da assembleia nomeada uma comissão de revisão e redacção.

INSTRUÇÃO

Cursos para os empregados de escritório

Continuam abertas as matrículas todos os dias úteis das 21 às 23 horas, para a admissão de alunos nas aulas de escultura, contabilidade, português, francês e inglês mantidas pela Associação de Classe de Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º

A QUESTÃO DA CHINA

WASHINGTON, 17.—O governo americano aceitou a proposta japonesa para nomeação duma comissão internacional encarregada de estudar a abolição do direito de extra-territorialidade na China.

Kropotkine

Por absoluta falta de espaço, privamos hoje os nossos presados leitores da biografia desta fulgurante figura do movimento libertário.

Uma greve monstra

que assusta os armadores Ingleses

LONDRES, 17.—Os armadores britânicos seriamente inquietos com a continuação da greve dos trabalhadores marítimos na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, deliberaram reduzir o número dos navios correios com aqueles domínios.

Gobrança para as colónias

Chegou-nos agora devolvida do correio uma cobrança de recibos que destinávamos aos nossos assinantes na Guiné.

Ora, não chegamos a compreender as razões que forçaram a suspender-se este serviço sem que para tal se tenha avisado o público por meio da imprensa.

Aconteceu, com esta beleza, que nos fizeram comprar certa quantidade de selos que foram inutilizados estupidamente...

Não há dúvida que isto vai cada vez melhor...

Banda de música da brigada da Guarda Naval

Programa a executar hoje por esta Banda na parada do Quartel, das 15 às 17 horas: Niño Judío, Luna; Sinfonia sobre motivos de várias zarzuelas, Don Tomás; Cantos do Alentejo, rapsódia, Morais; Bohème, Fantasia da ópera, Puccini; La Montaria, zarzuela, Guerrero; Krüjer, marcha, Pablo.

Noventa e sete povoações submersas

PEQUIM, 17.—Noventa e sete cidades e aldeias da província de Shantung estão submersas em consequência de se ter rompido um dique de defesa da margem do rio Amarelo, perto de Yun-Tsing-Sien. Milhares de pessoas encontram-se sem abrigo.

camaradas José Pereira, António Júlio e Francisco Dias, e António Fernandes.

A junta aos organismos acima citados temos hoje mais os seguintes: União Marítima de Buenos, aprovou a moção e nomeou delegado o camarada António Charron da Costa; Sindicato dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, aprovou a moção e nomeou delegado o camarada Silvino Noronha.

—A Comissão de Relações dos Sindicatos Marítimos e Fluviais do Sul (Discordantes da altitude da F. M.) reúne-se hoje pelas 20 horas.

Relatório moral do Comité Confederal para ser apreciado no próximo Congresso Confederal

Análise geral

Vai fazer três anos que teve lugar o congresso da Covilhã, no qual comparticiparam quase todos os sindicatos do país.

Desde então importantes e numerosos factos se têm produzido, alguns dos quais ainda preocupam toda a organização.

Mas todos eles merecem ser, cuidada e meticolosamente, analisados no superior interesse dos trabalhadores e dos princípios básicos que orientam a C. G. T.

Neste lapso de tempo, que marca uma «época» na vida da organização confederal, o capitalismo demonstrou claramente o que pretende para o proletariado, sob o ponto de vista social e económico. Sentindo-se possuído de todos os órgãos do Estado e vendo que o proletariado se encaminha mais decididamente para a Revolução, não teve dúvidas em desmentir clinicamente, todas as afirmações democráticas feitas pela burguesia liberal há mais dum século e que haviam atraído a simpatia de muitos revolucionários, fazendo das leis e da constituição republicanas farrapos nojentos que se compraz em espelhar.

Tem sido, pois, através de um círculo de perseguições da reacção ultramontana que a C. G. T. vem mantendo, com toda a sua rudeza, a renhida luta contra a exploração capitalista pela melhoria constante da situação dos trabalhadores. Sendo digno de registo: os protestos contra a ocupação do Ruhr, velocidades duma nova guerra; os protestos e acção expandida contra o pretenso estabelecimento da ditadura a que os reaccionários continuam dedicando os seus esforços; o vasto movimento de protesto contra a inconstante situação económica que reduz os assalariados à miséria absoluta; a defesa do horário das oito horas, constantemente atacado pelo capitalismo roceiro, bem como das muitas regalias conquistadas com o sacrifício do proletariado e dignas de serem mantidas.

São numerosas as vítimas nas nossas fileiras em consequência desta luta. Muitos perderam a vida, outros a liberdade e ainda ameaçados com a morte, e não têm conto os que andam errantes de oficina em oficina em procura do trabalho que a vingança patronal criminosamente lhes nega.

Como a mais potente força organizada no país, a C. G. T. tem por vezes exercido uma decidida influência na vida nacional, sem quebra da sua autonomia, que pressa, nem desvios da sua orientação sindicalista libertária. Senhora da mais absoluta independência, vis-à-vis os partidos políticos, por mais esquerdistas que se apresentassem, só teve em vista coordenar as energias proletárias para a conquista insosmável do bem estar de todos.

Estabeleceram-se as mais estreitas relações com os trabalhadores doutros países e que bem necessárias são para, mais eficazmente, ser enfrentada a reacção internacional que teima em cercar muitas das regalias alcançadas à custa de notáveis sacrifícios.

Porém, não foi só a luta contra o capitalismo e o Estado que ocupou as energias da C. G. T.; outros factos, importantes para a organização, prenderam também a sua atenção.

Trata-se do movimento, scissionista se pode chamar, a que se votaram alguns organismos e indivíduos isolados. Este fenómeno, filho da revolução dos comunistas autoritários na Rússia, que tem agitado a organização operária de todos os países, acabou por igualmente se fazer sentir entre nós e, por momentos, com grande intensidade de que a insidia é a mais responsável.

Coisa interessante: enquanto na França se movem altas influências para se constituir a unidade e, na Itália, Malatesta e Fabri afirmam ser conveniente unificar a acção dos proletários contra a reacção predominante, muitos dos nossos militantes e que se afirmam revolucionários, têm feito toda a diligência e insinuado por toda a parte, para criarem o partidarismo na organização confederal, lançando, deste modo, no seio da C. G. T., toda a espécie de discórdias que só visam o enfraquecimento do movimento sindicalista libertário.

Vale a pena citar aqui que esses camaradas, obreiros conscientes da scisão da organização operária, na data do congresso da Covilhã ainda defendiam os princípios consignados no estatuto confederal, dos quais hoje são tão fígdas inimigas.

Que pretendem eles com o aniquilamento do sindicalismo libertário? Ao certo pretendem, segundo afirmam, que a C. G. T. não esteja enfeudada aos anarquistas e ipso facto imprimirem-lhe outra orientação. Se de facto os anarquistas que, na sua qualidade de operários, exercem cargos na Confederação ou nos Sindicatos, pretendem fazer da organização confederal uma organização anarquista, esses militantes, que acintosamente erguem a cálmia contra estes, teriam razão porque dar à organização sado da sua posição para dar à organização modalidades sobre que ela não se tinha pronunciado. Mas não sucede assim, nem a C. G. T. é hoje mais anarquista que quando se fundou, nem a sua situação actual desrespeita o que em congressos anteriores lhe tendo sido demarcado e considerado como sindicalista revolucionário.

Por tanto, o que se pretende, ao fazer-se dos anarquistas a cabeça do turco, não é mais do que a destruição de todo o espírito libertário que anima toda a organização sindical, para a impelirem facilmente para o terreno da política, onde ela seria o trampolim de certos grupelhos.

Quando honestamente se tem em vista a reunião das massas assalariadas; quando não há a intenção de levar as mesmas a estabelecer compromissos perigosos, os ataques que se movem à C. G. T. só podem ser obra de ressentimentos mal feridos, porque a autonomia que cada indivíduo tem no sindicato e este na C. G. T. são garantias suficientes da sua liberdade de acção para que não se deixe especialmente lhe respeito, despendendo-o de exercer a violência sobre os restantes quando estes num pleníssimo direito defendem outros pontos de vista.

Respeite-se pois a missão e a razão de ser do sindicalismo deixando-o seguir o seu passo o desenvolvimento das classes trabalhadoras, fora da influência de quaisquer partidos políticos ou doutrinas religiosas, proclamação sine qua non da solidariedade do proletariado na luta pelas suas reivindicações.

Antes que iniciemos o relato dos acontecimentos passados nestes três anos, é mister elucidarmos que este é respeitante a todos os factos dignos de nota, que sejam da vigência do comité que vem a este congresso quer daquele que nomeado no da Covilhã foi parcialmente substituído pelo Conselho Confederal e a que na devida oportunidade se fará referência.

Constituição do Conselho Confederal

Só oito dias depois de nomeado no congresso da Covilhã, o Comité Confederal o Comité cessante deixou de ser o seu cargo. O seu primeiro cuidado foi a constituição do Conselho Confederal.

Com esse objectivo trabalhou afinadamente e pouco mais dum mês depois de ter tomado posse, estava constituído o Conselho Confederal dando-se a primeira reunião a dezasseis de Novembro de 1922 com a presença de 11 organismos. O Comité prestou-lhe contas dos seus actos por meio de relatório circunstanciado e desde então toda a acção confederal tem sido orientada pelo Conselho que raras vezes deixou de reunir por falta de número.

Aumento da cota confederal

O congresso da Covilhã, ao aprovar a tese que institua a caixa de solidariedade, aprovou um aumento na cota confederal de 6 centavos; mas tendo-se em conta o aumento de todas as coisas, que tornava a cota de 2 centavos semanais por confederação impotente para enfrentar as despesas desmedidamente aumentadas por aquela circunstância, o Comité Confederal de então lembrou ao Conselho a necessidade do aumento da cota para quinze centavos incluindo os 6 centavos para solidariedade. O Conselho, depois dum discussão minuciosa, aprovou o aumento proposto, e só assim foi possível atender às necessidades de propaganda e organização sempre crescentes e imprescindíveis.

Esta nova cota começou a vigorar nos princípios de 1923; alguns organismos encontraram dificuldades, a princípio, no seu pagamento, o que é desculpável, a pesar da importância não ser grande, devido à brevidade com que ela foi aumentada. Mas doutro modo não foi possível proceder sem prejuízo para a acção confederal.

Na sessão do Conselho Confederal efectuada em 26 de Janeiro de 1923, que em obediência ao aprovado no congresso da Covilhã, o delegado da Federação do Mobilário propôs que se iniciem os trabalhos para a constituição da Caixa de Solidariedade. A 15 de Fevereiro é nomeada uma comissão provisória, para tratar da situação dos presos e a 21 de Maio é posto à discussão do Conselho o regulamento da Caixa, sendo aprovado nessa mesma sessão com o título que abre este capítulo por ficar agregada ao conselho jurídico.

Este regulamento foi profusamente distribuído pelos organismos confederados e para fôr chamados a atenção dos corpos administrativos dos mesmos organismos, de modo a tomarem na devida conta as alterações que pelo Conselho Confederal foram feitas ao dito regulamento em consequência de razões que adiante referimos.

Na prática constatou-se que havia falhas no regulamento, tendo em vista que a solidariedade deste modo estabelecida necessita ser praticada o mais cuidadosamente possível, para que os seus objectivos não sejam desvirtuados e não dê motivo à mais pequena depressão moral; e não erramos afirmando que é uma das funções mais melindrosas de que está incumbida a C. G. T.

Para obviar, pois, às deficiências constatadas, a comissão que tem estado à testa do Secretariado propôs, e o Conselho Confederal aprovou, as emendas que considerou capazes de evitar no futuro quaisquer desvirtuamentos.

Pelo relatório respectivo se verifica o valor da solidariedade assim estabelecida e da acção do Conselho Jurídico. Se mais não foi feito e muitas queixas existem, é porque nem sempre os organismos subearam interpretar e auxiliar tão espinhosa missão. E, enquanto os indivíduos não tiverem compreendido que o bom funcionamento dos organismos só existe quando eles lhes prestarem o seu concurso com persistência, lutar-se há com inúmeras dificuldades, causa de acusações mútuas.

Haja sempre em vista que a solidariedade deve ser um salutar incentivo, e aqueles que a recebem a mais alta afirmação moral que a solidariedade em si representa. Porque só assim serão atendidos os objectivos altamente humanos e de camaradagem, a que a solidariedade confederal se destina.

A frente única do proletariado ou a unidade operária

Esta tem sido uma questão que mais energias gastou à organização durante estes três anos.

Parece que, por irritação, a frase—«Trabalhadores de todo o mundo uni-vos»—que mais tem desmido os mesmos trabalhadores. Este facto tão lamentável é mais obra duma falsa educação revolucionária do que da burguesia, a pesar do interesse que ela tem num tal estado de coisas.

O Sindicalismo constitui, nas suas linhas gerais, a fórmula orgânica achada para resolver o magno problema da unidade operária, e tanto assim é que ele surge no final dum período de larga desorganização como foi o que se seguiu à primeira Internacional. Por isso, só a mentalidade absolutamente contrária à unidade do movimento operário revolucionário pode desprestigiar as bases do Sindicalismo pela introdução de princípios filhos da vontade dum predomínio de partido ou de seita.

Não se pode compreender a unidade de acção sem que a mesma se oriente por normas anti-partidárias, isto é, processos colocados à margem de todos os grupos e que ao mesmo tempo atendam os interesses comuns a todos. Precisamente os trabalhadores, perante a burguesia e o Estado, têm uma situação comum que em comum necessitam atender. Logo, só na organização sindicalista, que tem principalmente em vista guiar o proletariado na luta contra o patronato e ligar os indivíduos explorados por um sistema económico que eles sentem a necessidade de destruir porque doutro modo não alteram benéficamente as suas condições económicas e sociais, é possível manter com vantagem a unidade operária.

Do contrário de qualquer agrupamento político ou religioso, que exige dos seus aderentes o respeito pelas crenças que representam, o Sindicalismo Revolucionário e Libertário exige dos trabalhadores o respeito aos princípios de solidariedade por ele estabelecidos para todos os aspectos da luta de classes e impõe-lhe que não tragam ao seu seio as opiniões dos seus grupos e sente-se no direito de não lhes confiar cargos quando eles, pertencendo a grupos defensores do Estado ou seus colaboradores, exercem cargos da confiança deste. Nem podia ser doutra maneira, a não ser que os trabalhadores pretendam colaborar com os seus inimigos na obra da própria libertação.

Pois bem: a razão dos ataques tão rudemente feitos à C. G. T. é por esta se manter fiel aos princípios sindicalistas libertários. Tivesse ela estabelecido pactos com qualquer partido burguês, socialista ou comunista e esses insidiosos ataques teriam mudado de feição. Acusam-se os anarquistas de fazerem da C. G. T. a central dos anarquistas, mas na verdade, aqueles que no conselho confederal têm estado com a representação de quaisquer organismos, não têm feito outra coisa que não seja a defesa dos princípios aceites pelos congressos sindicalistas e pelo estatuto da C. G. T. Enquanto os elementos adversários da orientação confederal, acusam aqueles princípios de insuficientes e pretendem que outra orientação tome a organização confederal.

Do congresso da Covilhã e resultante dos debates sobre as relações internacionais, saiu uma certa desinteligência entre alguns militantes que evidentemente se reflectiu nos organismos. Em consequência disso um grupo de honestos militantes estranhos a tais desinteligências pretendem, para bem da unidade sindical, pôr em relações amigáveis os que estavam desavinados. Nesse sentido provocaram-se reuniões que afinal, por razões explicáveis de diversas maneiras, não obtiveram os resultados desejados. Mais tarde, em Março de 1923, o Comité Confederal teve conhecimento de que novas reuniões se preparavam para, dizia-se, ser apreciados o estado da organização confederal. Esse comité considerou que só dentro dos órgãos da dita organização era lógica a apreciação que se pretendia. Coerente com esta opinião fez publicar um comunicado repudiando a acção dos militantes promotores de tais reuniões.

O que pretendia o comité? Evitar que indivíduos estranhos à organização ou camaradas sem cargos na mesma, reunidos fora dos órgãos ou organismos sindicais, principiassem por deliberar para os mesmos, princípio este que, ao ser aceite, abria o mais falso dos precedentes susceptível de lamentáveis desvios da orientação sindical. Soube-se depois que não havia a intenção de tomar quaisquer resoluções atentatórias à autonomia da organização. Tratava-se apenas de reuniões idênticas a muitas outras em que os componentes da organização trocam leves impressões sobre a marcha da mesma. Mas a nota do comité já tinha produzido os seus efeitos. Em vez de ser tomada como defensiva para a integridade da C. G. T., foi lida como uma declaração de guerra.

O Conselho Confederal ocupou-se do assunto na sessão de 8 de Março (1923), rejeitando por maioria a nota do comité. Em consequência disto o comité apresentou a sua demissão, que não foi aceite, recebendo grandes manifestações de apoio por quase toda a organização do país, conforme publicação feita nas colunas de A Batalha dessa data.

Na reunião do Conselho Confederal efectuada em 26 de Janeiro de 1923 foi lido um ofício do Partido Comunista Português, pelo qual convidava a C. G. T. a aceitar a sua colaboração na campanha a fazer contra a ocupação do Ruhr pelas tropas dos Estados Unidos. O conselho aprovou uma questão prévia que determina o repúdio, por parte da C. G. T., de toda e qualquer colaboração e reconhece-lhe toda a capacidade para tratar e resolver toda e qualquer assunto respeitante ao proletariado. Em Novembro do mesmo ano, novo convite foi dirigido à C. G. T., desta vez pelo P. C. e partidários da I. S. V., para se estabelecer uma acção comum, tendo em vista o estado agitado em que se encontrava a Alemanha e do qual se previa a possibilidade duma insurreição. O conselho ocupou-se deste novo convite e em sessão realizada no dia 23 do referido mês aprovou o seguinte parecer:

«Considerando que, independentemente das fórmulas sociais aceites sem sofismas por um ou outro povo de harmonia com a acção evolutiva, se impõe sempre o dever de respeitar as boas intenções, sem que isso represente aceitação tácita dessas fórmulas;

Concluirmos ser de grande vantagem para o progresso das ideias que a C. G. T. Portuguesa — tendo ainda na máxima conta o apelo da I. A. T. a quem é aderente,—inicie uma activa propaganda em favor do povo alemão, não só no sentido de criar um ambiente favorável à libertação da misérrima condição em que esse povo se encontra, mas também e principalmente para dotar o operariado de Portugal e todos os bem intencionados com uma opinião capaz de impedir que a burguesia internacional e sobretudo a portuguesa, procure afogar em sangue a justa rebeldia dum povo que há nove anos é arrastado para o caos;

Considerando, ainda, ser indispensável à marcha progressiva do movimento operário no seu objectivo de emancipar integralmente os trabalhadores da tutela burguesa, lutar incessantemente contra o ultramontanhismo e em todos os campos que se apresentem, bem como a análise clara e criteriosa aos vários aspectos em que os partidos socialistas estatais colocam a emancipação do proletariado;

Afirmamos da máxima conveniência:

a) Dar a maior actividade possível à propaganda contra a reacção conservadora e fortalecer cada vez mais o espírito de classe;

b) Continuar mantendo a independência que dá característica ao movimento operário à face dos partidos socialistas, que pelos seus objectivos de colaboração, são essencialmente contrários às bases autonomistas e federalistas do sindicalismo;

Considerando por último que a frente única das fracções revolucionárias sociais preconizada na carta comunista, só é executível num ambiente de mútua confiança, porque ela impõe a terminação de toda e qualquer acção tendente ao fortalecimento das fracções provocando assim um estacionamento indefinido com o irrefutável desejo de predominio manifestado pelo partido signatário, sob a indicação da internacional a que é aderente;

Julgamos conveniente:

1.º—Não tomar parte na reunião a que se convida a C. G. T. no sentido de evitar uma maior confusão, com que não beneficia o movimento social e por coerência com os métodos e táticas sindicalistas, cuja eficácia não está desmentida;

2.º—Dar conhecimento desta resolução à Associação Internacional dos Trabalhadores a que é aderente a C. G. T., e ao mesmo tempo pedir-lhe informações relativas a qualquer preparação para uma futura revolução proletária na Alemanha, dando-lhe também conta de que esta C. G. T. está disposta a secundar qualquer acção contra-reaccionária do capitalismo internacional no sentido solidário para com qualquer proletariado que tente libertar-se pela revolução.

(Continúa)

Contra uma especulação

Responde-se a falsas afirmações de «O Século»

Da comissão administrativa da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra recebemos a seguinte carta:

«Lisboa, 17 de Setembro de 1925. — Sr. redactor. — Tendo o jornal O Século publicado uma carta enviada por esta comissão para depois lhe fazer comentários, vamos responder a esses comentários.

Foi, na verdade, Júlio da Anunciação preso em 20 de Fevereiro de 1915 acusado de vadio, e mais tarde em 8 de Julho de 1923 por tentar dar fuga a um preso.

Está qualquer cidadão pacífico livre de ser preso e acusado de qualquer crime? Não está; e depois de ser restituído à liberdade por se lhe provar a sua inocência continua a ser criminoso? Não. Pois são estes pontos que O Século não esclareceu.

Estará livre o sr. redactor de O Século ou qualquer outro cidadão de ser preso por gatufo? Não está. E, esse senhor depois de ser mandado em paz por lhe ser provada a sua inocência mostrará que lhe continuem a chamar gatufo? Não gosta. Eis porque a comissão administrativa deste sindicato se levantou contra essas afirmações porque conhece muito bem o passado de Júlio da Anunciação.

Sem outro assunto desde já agradecemos a v. a publicação desta.

Pela comissão administrativa da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa. — O secretário geral, (a) Sebastião Maia.

Do país da liberdade...

Uma represália ridícula

WASHINGTON, 17. — O departamento dos negócios estrangeiros ordenou ao consul americano em Londres que negue o visto ao passaporte do deputado britânico Sachthala, que devia vir assistir à conferência inter-parlamentar, em consequência da sua simpatia pelo comunismo e visto às autoridades de emigração proibirem a entrada a todos os elementos de ideias avançadas.

Pró-Paz...

BERLIM, 17.—Segundo um telegrama de Budapest foi concluído um acordo militar secreto entre a França e a Romenia.

Em Linda-a-Velha

Promovida pela Comissão de Melhoramentos de Linda-a-Velha realiza-se no dia 20 do corrente, pelas 16 horas na Academia Recreativa da Linda-a-Velha uma festa que constará de um concerto pela banda da Academia Recreativa e de uma conferência sob o tema: «O movimento cooperativista e a libertação da tutela parasitária» sendo conferente António Rodrigues Graça.

DESPORTOS

FUTEBOL

Hockey Club de Portugal

No campo em Sete-Rios ou no Largo do Calhariz 16, encontra-se aberta a inscrição a todos os sócios que desejem representar o Club na próxima época de foot-ball.

Matadouro Foot-ball Club

O Conselho Técnico deste Club participa a todos os sócios que queiram praticar o foot-ball, que se acha aberta a inscrição na sua sede, até ao dia 27 do corrente, para todos os que desejem representar o Club nos próximos campeonatos.

O desafio de ontem

No desafio que ontem se realizou no Campo Grande entre o Celta, de Vigo, e o Sporting, triunfou este último por 2-1. As bolas do Sporting foram marcadas uma em cada parte e a do Celta foi resultante duma grande penalidade aplicada quasi no final do jogo.

O Sporting dominou o seu adversário, o qual, após o ter sofrido a segunda bola, desanimou visivelmente. O Sporting empregou sempre grande entusiasmo e vigor na luta, o que lhe valeu a vitória.—K.

Menor desaparecida

De sua casa, na rua da Regueira, 60, 1.º, desapareceu a menor Lucinda de Oliveira, de 13 anos.

Pede-se a quem saiba do seu paradeiro o favor de a comunicar para a morada acima, a João Rodrigues.

Tem cabelo louro olhos castanhos. Veste saia azul, blusa com pintas encarnadas e avental escuro com ramagens. La descalça e com um lenço branco na cabeça.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José faleceu ontem, António Monteiro, de 54 anos, natural do Fundão, serrador mecânico da Parceria dos Vapores Lisboenses e que residia na Estrada do Loureiro, pálio do Colares, 10, 1.º, o qual, como noticiámos, foi no dia 3 último, colhido por uma viga de madeira em Alcântara-Terra.

—Na Morgue deram ontem entrada: Domingos de Oliveira, tripulante da fragata B 1193, de 21 anos, natural de Ovar e residente na rua Vicente Borja, 25, que faleceu sem assistência a bordo da mesma fragata.

—Maria do Carmo Sanches Castanheira, de 44 anos, residente na rua Figueiredo, 6, 1.º, que ali se suicidou.

—Manuel Teodoro Póvoas que foi encontrado a boiar à tona de água na doca de Alcântara.

1.º—Não tomar parte na reunião a que se convida a C. G. T. no sentido de evitar uma maior confusão, com que não beneficia o movimento social e por coerência com os métodos e táticas sindicalistas, cuja eficácia não está desmentida;

2.º—Dar conhecimento desta resolução à Associação Internacional dos Trabalhadores a que é aderente a C. G. T., e ao mesmo tempo pedir-lhe informações relativas a qualquer preparação para uma futura revolução proletária na Alemanha, dando-lhe também conta de que esta C. G. T. está disposta a secundar qualquer acção contra-reaccionária do capitalismo internacional no sentido solidário para com qualquer proletariado que tente libertar-se pela revolução.

(Continúa)

Desastre deplorável!

Uma criança, brincando, causa a morte a uma irmãzinha, ferindo-se a seu pai

Na rua de São Tiago, 13, reside o guarda n.º 296, do Corpo de Segurança Pública, que presta serviço na esquadra da Mouraria, Manuel Francisco Enzebio, de 31 anos, natural de Santa Eulália (Elyas) com sua mulher Maria da Conceição, de 28 anos, natural da Batalha e duas filhas, Luciana da Conceição, de 3 anos, e Florinda, de 16 meses. Ontem de manhã, o 296 chegou a casa de regresso da instrução e como viesse um tanto fatigado, tirou o cinturo e o doorman, pendurando aquele numa parede próxima da cama, sobre a qual depois se sentou, começando de brincadeira com a Florinda, enquanto a mãe, à janela, estendia uma porção de roupa.

A pequena Luciana, desinquieta como é próprio da sua tenra idade, começou a mexer no corder da pistola que se achava aberto, mas com tanta infelicidade, que a arma caiu disparando-se e indo o projectil ferir no pescoço a pequenina Florinda, atingindo depois o pai no braço esquerdo fracturando-o e em seguida fazendo recoberte foi ainda ferir de raspão no peito a Luciana.

Aos gritos aflitivos dos pais acudiram várias pessoas e camaradas do ferido, sendo aqueles transportados num auto-macac da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, onde a pequena Florinda chegou já morta, pelo que, depois de verificado o óbito pelos cirurgiões de serviço ao Banco, drs. Alberto Mac Bride e Abel da Cunha foi o cadáver removido para a Morgue. O desditoso pai, depois de radiografado, e devidamente pensado deu entrada na Sala de Observações, onde ficou sob prisão. A Luciana depois de receber curativo no mesmo Banco recolheu a casa.

O nosso folhetim

Em virtude da absoluta falta de espaço somos forçados a retirar hoje o nosso interessante folhetim, bem como vários artigos e notícias, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O ascensor da Glória

Por virtude de ter que sofrer algumas reparações inadiáveis, foi suspenso provisoriamente o serviço do ascensor da calçada da Glória, que estará talvez impossibilitado de trabalhar durante 20 dias, apesar da falta enorme que faz ao público.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Rêclames

Continua no Eden Teatro, o soberbo sucesso obtido todas as noites, em duas sessões, com a revista «Frei Tomás», ou «O Mistério da rua Saraiva de Carvalho», dois actos intensos de graciosidade e alegria.

TEATRO APOLO

Empresaria Luis Raas, Limit.ª



A situação da criança e da mulher em face do Congresso Confederal

Ultimam-se os trabalhos para a efectivação do 1.º Congresso Confederal, IV Nacional.

Já meditam sobre as teses a apresentar muitas das mentalidades que formam na vanguarda do proletariado.

E' que se trata de uma assembleia importantíssima. E' a maior de todos os Sindicatos que formam a Confederação Geral do Trabalho. Porém, é neste momento necessário, imprescindível mesmo, que algo digamos, sobre assuntos que já vão ser debatidos. Não o fazemos, porque divergimos dos mesmos, mas sim porque queremos frisar alguns pontos mais importantes, que lhe dizem respeito. E' preciso que nós, adultos, protejamos, tanto quanto "em nossas forças" for mister, as crianças de hoje, que serão os homens de amanhã. Por esse país fora, depauperam-se as crianças, fazem-se e andam a mesma nos mais exóticos mistérios, dando-lhe em troca do seu esforço sobre-humano, uma ridiculidade. Porém não devemos encerrar a questão pelo lado material, mas sim no que a tem de impróprio e prejudicial.

E' porque a criança de hoje não vive, vegeta como animal selvagem. A criança de hoje—como sempre—é martirizada, esmoimada, carregada de trabalho e por cima roubada!

E' este um dos pontos que se vai ventilar no Congresso Confederal. Que o encarem bem de frente todos aqueles sobre quem pesam as responsabilidades das representações dos sindicatos.

E' necessário que alguma coisa de concreto e positivo saia da reunião magna do proletariado. Pesa sobre a falange confederada a missão espinhossíssima da propaganda para que sejam desbravados os horizontes duma sociedade mais justa, mas também e sobretudo é preciso que neste interregno salvemos a criança, preparando-lhe o caminho para ela trilhar, sem grande esforço até conquistar o seu Euf. Se não tomarmos a peito esta missão, teremos amanhã que contar com uma geração de mentecaptos muito enfezados, muito automatados, e por consequência incapazes de tomarem o nosso trabalho em principio e darem-lhe a continuidade que é mister.

A criança de hoje entra para a oficina, ordinariamente, dos 6 aos 7 anos. E' justamente na idade em que se encontra apta a aprender a ler que a enfiaram para o laboratório "dantesco" das oficinas. Ali, depois, à pancada, é conduzida ao trabalho, e lacrimante tateia a ferramenta, com que ha-de mais tarde ganhar para viver. Porém vem a costureira, e a criança miúda que vimos choramingar e plegas está já amalandrando, riscando dichotes, gosta e sente prazer até que o oficial da especialidade o mimoseie com pancadas e lhe dirija palavras indecentes. A criança nesta altura já procura um descuido do oficial para lhe surripiar o cigarro, que petulantemente acende, as escondidas em qualquer recanto da oficina.

E' o chupando, com frenesi, numa ansia medonha de auri e fumo e acalmar-se do fétido cheiro. Cresce e o homem feito sabendo somente fumar com elegância, e atirar frases, um tanto grosseiras; à primeira rapariga que o cativa. Ainda se porventura, alguma coisa de ler lhe ensinaram, foi de mistura com o catecismo, e quando chega a conhecer as vinte e cinco letras do alfabeto, já tem engolido para cima do triplo de hostias santas. De maneira que ao cabo e ao fim é analfabeto.

Com todos os estímulos para a degradação moral, nem na escola vimos aquele

puritanismo tão necessário, para a completa educação do homem. Sim, porque em muitas escolas—senão na maior parte—ensina-se a respeitar a actual estrutura, a ser-se submisso perante o patrão.

Na educação que reside o futuro do homem. E' também necessário que ajudemos a quebrar os grilhões à escola roneira, levando para os museus as palmarías dos mestres.

Devemos preferir a escola racional, que ensina com proficiência, para que o educando não se assemelhe ao objecto frágil que ao primeiro choque se esmigalha. Na escola de hoje já existe a coeducação, o que é alguma coisa, mas ainda lá vemos laivos, ou casta, que ensinam a reconhecer aqueloutro que é pobre ou aqueloutro que é rico e afieldado.

Pesa sobre os mesmos a missão de ventilar este momento assustoso. Também, os mesmos têm trabalhos, relativos às oficinas, em que se trabalha.

Neste assunto é necessário um coro unânime, no sentido de fazer com que sejam feitas abaixo as vestidas e anti-higiênicas oficinas, e substituídas por outras, que sejam compatíveis com as exigências da actualidade. Devemos trabalhar enfim, em oficinas onde o ar possa entrar à vontade em nossos pulmões e que não aconteça hoje nessas pocilgas infames onde tanto homem envelhece prematuramente. Não podemos contar com os governantes porque eles de há muito nos deram mostras da sua indiferença por tudo que não trazenda a escândalo de volume, do qual se possa tirar bom partido. Temos que contar com a força operária organizada, para fazer com que sejam modificadas as oficinas em que se trabalha actualmente.

Quê ainda um outro assunto de não menos magnitude e importância:—A mulher proletária. Raras são aquelas que se aperceberam da luta social que está travada entre o proletariado, e os molochos do capitalismo. Preocupados apenas com as garriças banais com que esmaltam seus trajos, não ligam importância à grande pugna social contemporânea.

Nas fábricas de vidro—e cremos acontecer o mesmo nas outras—a mulher já toma conta de todos os mistérios sendo alguns violentíssimos. Nas mesmas já é a mulher que faz a composição, remexendo à pá, as prejudiciais composições de que é feito o vidro, tais como sulfato e soda.

Por isso nós vemos-las amarelecidas, chupadas, e suas formas, que deviam ser fúmidas e erectas assemelham-se a essas flores, que ao desabrochar fôsem dissecadas numa estufa.

São estas também as mulheres de amanhã. Nos seus lábios, onde havia de bailar o sorriso engraçado e encantador, rasga-se um rictus medonho que faz pena, que causa dó.

São estas mulheres que amanhã hão de trazer em seus braços os futuros pilares da sociedade!

Em face da apatia que possuem e do crime de que são vítimas, compete-nos salvá-las, fazendo-as despertar para a luta, para que não pereçam miseravelmente.

Nós, sobre quem pesa o desgosto de não tomarmos parte em tão importante reunião, cremos, todavia, que aqueles que a ela vão fazer todos os esforços para que em especial a criança e a mulher tenham de futuro uma vida mais amena, e por consequência mais sorridente!

Marinha Grande, 16 Setembro 1925.
Alves de FREITAS

COMO DEBELAR A CRISE DE TRABALHO?

O que disse à BATALHA sobre o importante problema um componente do secretariado da Federação do Livro e do Jornal

Proseguindo no nosso inquérito às várias indústrias sobre o aspecto da crise de trabalho, quizeamos ouvir, para exarar nas colunas da Batalha, o que sobre tão momentosa questão nos diria alguém da indústria gráfica.

Deparou-se-nos um componente do secretariado da Federação do Livro e do Jornal e logo tratamos de colher nessa fonte os elementos necessários. Diz-nos ele:

—A classe gráfica não podia escapar aos efeitos da crise económica que é de carácter geral. Há, efectivamente, pouco trabalho, mas felizmente a crise não é tão grande que se possa classificar de assustadora.

—A crise não atinge as proporções que se verificam noutras indústrias, mercê de três factores principais. A saber: os componentes da indústria gráfica têm, geralmente, habilitações que lhes permitem exercer outros mistérios; daí o facto de se encontrarem muitos gráficos nos correios, noutras ramificações do funcionalismo público, em serviços de cobrança, etc.

—Pelo seu carácter, a indústria, dum modo geral, não é de molde a produzir stocks de mercadorias; os produtos que se manufacturam têm consumo imediato e se esse consumo diminui, produzindo *chomage*, é isso devido ao retraimento de despesas na medida do possível como toda a gente usa quando a sua situação económica é má. Mesmo daqueles produtos que se armazenam, os stocks estão esgotados e por isso a produção retomou o seu curso normal.

—Além disso nota-se, na indústria gráfica, um progresso lento, mas seguro, na quantidade da produção e isso é devido ao desenvolvimento da indústria livreira e à evolução, também lenta mas segura, da mentalidade do povo português.

—Então a crise na classe gráfica...

—Não é grande, mas nem por isso nos devemos desinteressar dela. Pelo contrário. Poucos operários há desempregados, mas há muitas oficinas em que o pessoal só trabalha 3 ou 4 dias, outras em que dificilmente se consegue manter o pessoal toda a semana e por isso ele está sempre na contingência de passar à situação do outro. E o dia de amanhã, o que será?

—E que julga o camarada necessário fazer?

—Olhe: é preciso auxiliar o desenvolvimento da indústria livreira e para isso é principalmente preciso diminuir as taxas postais para o Brasil, nosso primeiro mercado livre.

—Facilitar o desenvolvimento da indústria papelreira de maneira a atenuar a sua crise que é verdadeiramente pavorosa e assim proporcionar o fabrico de papéis bons e em boas condições de preço. Dificultar a importação de produtos gráficos manufacturados no estrangeiro, principalmente em França...

—Diz o camarada que a crise na indústria papelreira...

—E' verdadeiramente pavorosa. Em quasi todas as fábricas o pessoal está muito reduzido, chegando algumas a paralisar; isto é devido aos grandes stocks existentes nos armazéns. Como sabe, após a guerra, a produção era muito intensa.

—Fabricou-se muito na mira do lucro porque toda a gente supunha que a ascensão de preços nunca parava... Deu-se a oscilação cambial, os armazéns estavam cheios, o consumo diminuiu e o fabrico parou ou reduziu-se para gastar o que havia em armazém a preços altos.

—E' uma situação transitória que, estou convencido, pouco demorará, mas enquanto perdura deve o estado facultar trabalhos na provincia aos operários das fábricas de papel que facilmente se adaptam a mistérios vulgares, como sejam aberturas ou concertos de estradas, açoreamento de rios, serviços de construção civil, etc.

—Eis, em summa, o que há a fazer e que depende do Estado. Da acção particular também depende a melhoria da situação até certo ponto mas essa, por sua vez, depende da acção sindical que, certamente, se iniciará no próximo Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal. Refiro-me à situação criada aos litógrafos, pautadores e encadernadores pela invasão das mulheres e menores que, pela concorrência, prejudicam essas classes. E' objectivo dum estudo especial sobre o qual o Congresso se pronunciará.

deliberações dos operários sendo-lhe novamente respondido que fizessem por escrito uma exposição do que queriam e que a fossem entregar outro dia.

Resolveu-se que o Sindicato Unico da Construção Civil faça essa exposição para ser entregue ao respectivo ministro.

Operários das obras do Estado

São convidados todos os operários das obras do Estado, que ainda se encontram licenciados, a comparecerem hoje, pelas 12 horas, na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, C. Combro, 33-A, 2.º, para o delegado dar conta das demarches junto do administrador dos Edifícios Públicos, e para saber ao certo o numero de operários ainda não readmitidos.

HORARIO DE TRABALHO

Ferrovários da C. P.

Uma comissão dimanada do respectivo sindicato, procurou, ontem, o sr. ministro do Comércio, sendo recebida pelo chefe do gabinete, com o qual conferenciou sobre uns trabalhos apresentados há dias ao mesmo senhor com referência ao horário de trabalho, na parte que diz respeito àquele ministério.

Tratou também a comissão de pedir a interferencia do sr. ministro na questão dos demitidos, prometendo o referido senhor transmitir o assunto ao ministro, que marcará uma nova audiência para breve.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos. Pedidos à administração de A BATALHA.

SOLIDARIEDADE

Pró José da Silva e Hilário Gonçalves

Comunicam-nos José da Silva e Hilário Gonçalves que receberam a quantia de 173\$20, produto duma quete aberta pelo camarada Artur Lopes, no Novo Manicóquio Miguel Bombarda em favor daqueles presos que se encontram na esquadra do Caminho Novo.

Pró família Filipe José da Costa

Previne-se todos os camaradas que devem fazer hoje a entrega das importâncias da venda dos bilhetes. Os que eventualmente não tenham sido vendidos também devem ser entregues hoje, sem o que se considerarão vendidos, pois a festa realizou-se no domingo, 20 do corrente, pelas 15 horas.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo Por Arkínof. Preço \$50.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Conselho Geral

Reuniu-se hoje, pelas 21 horas, com a ordem de trabalhos anunciada ontem.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos.—Continuou ontem a apreciação das teses a apresentar ao Congresso Gráfico, tendo sido aprovadas as da "Manutenção do órgão federal" e "Nem por Berlim, nem por Moscúvia, nem por Amsterdão." Pela Unidade Sindical. Hoje continua a apreciação das restantes teses.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.—Reuniu tendo dado despacho a vários expedientes, apreciando também a circular a enviar a todos os sindicatos, para que prestem a máxima solidariedade a esta comissão. Resolveu realizar na próxima terça-feira, 22 do corrente, uma sessão contra as deportações e actuais perseguições, na Secção da Construção Civil do Alto do Pina, Rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º.

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Reuniu ontem o Conselho Federal que apreciou diverso expediente, entre o qual um officio do S. U. de Braga, que trata da centralização da industria; tomado em consideração.

Apreciou o parecer da comissão administrativa sobre a praticabilidade a dar às resoluções do Congresso, que foi aprovada.

Resolveu enviar uma nova circular aos sindicatos aderentes para que ponham em prática as resoluções do Congresso, devendo desde já realizar aquela que diz respeito à publicação do "Labor Proletário", que consiste em alcançar receita para a sua distribuição gratuita aos sindicatos.

Ocupou-se ainda da representação da Federação ao Congresso Confederal, e das teses que ali vão ser apresentadas, ficando assente que o delegado defenda todos os pontos de vista aprovados nos seus congressos corporativos.

Litógrafos e Anexos.—Reuniu-se ontem a assembleia geral, tendo apreciado as teses ao Congresso Confederal, que foram aprovadas com ligeiras alterações.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—Os delegados dos vários Sindicatos de Lisboa aos Congressos, às 17 horas.

—A's 18,30 horas o Conselho Central.

Federação Vinícola.—Conselho Federal.

—A's 19 horas conjuntamente com a comissão administrativa.

A esta reunião devem assistir as direcções dos sindicatos dos Tanoeiros, Trabalhadores de Armazens e Mecânicos em Madeira do Ramo de Tanoaria.

Federação da Construção Civil.—Hoje às 21 horas a Comissão Administrativa.

Federação Ferroviária.—A Comissão Executiva pelas 21 horas.

Sindicato da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 21 horas

PERSEGUIÇÕES

Manipuladores de Pão da Figueira da Foz

Na reunião de assembleia geral, realizada na passada segunda-feira, para nomear delegado ao Congresso Confederal, depois de Joaquim do Carmo, delegado da C. G. T. ter verberado com veemência os actos criminosos dos governantes deportando sem julgamento, nem culpa formada operários que nenhum crime praticaram, foram aprovados um protesto contra as deportações e prisões arbitrárias e uma salvação às vítimas de todos os governantes.

Secção Telegráfica

C. G. T.

União Marítima de Buarcos.—Não recebemos a importância da vossa cota de adesão ao congresso.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Setúbal.—Trabalhadores de fábricas.

Não descurem o assunto sobre os requerimentos dos presos, porque ainda não chegaram as respectivas respostas ao seu destino.

Federações

MOBILIARIA

Força de Monsanto.—João Marques.

Interessa-te por uma resposta a um officio que enviámos para os Cesteiros.

Sindicato do Porto.—Segue officio.

Sindicato de Guimarães.—Idem.

Sindicato de Braga.—Idem.

Manuel Rodrigues de Melo.—Manda dizer quando chegas a Lisboa.

CALÇADO, COURO E PELES

Beja.—Associação dos Sapateiros.

Segue expediente e recibos de importâncias recebidas.

Portimão.—Manufactores de Calçado.

—Respondam ao nosso officio; mandem credencial para delegados.

METALURGICA

Comité Metalúrgico do Norte.—Esperamos resposta ao nosso telegrama.

VINICOLA

Sindicato dos Tanoeiros de Gaia.—Segue expediente e officio. Recebemos vale de \$5000. Comissão está nomeada; falta ser publicada no *Diário do Governo*.

AGREMIações VARIAS

Federação Radical de Setúbal.—Reunem-se as comissões municipal e de freguesia, no dia 20, pelas 13 horas, na sede do Centro R. Radical de Setúbal.

"A BATALHA"

No Funchal vende-se no Bureau de L.

Presse.

as comissões administrativa, revisora de contas e de melhoramentos pró-sede.

Secção Profissional dos Estudadores.—Pelas 20 horas a comissão administrativa.

Secção Profissional dos Pedreiros.—Convindam-se todos os camaradas eleitos na última assembleia geral a reunir hoje pelas 20 horas.

Encadernadores e Anexos.—Para continuação dos trabalhos suspensos ontem, às 21 horas.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil.—O conselho de delegados, às 20 horas, para tratar da crise de trabalho.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.—Pelas 21 horas.

Operários Municipais.—A assembleia geral pelas 20,30 horas para continuação da apreciação das teses ao Congresso Confederal.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Em assembleia geral pelas 20 horas na sede da Associação, travessa do Oleiro, 13 para apresentação do relatório e contas da gerência de 1925, parecer da comissão revisora de contas e nomeação da direcção, mesa da assembleia geral, conselho fiscal, comissão de melhoramentos, etc.

S. U. Metalúrgico.—A's 20,30 horas a assembleia geral para apreciação das teses a apresentar ao congresso confederal.

Trabalhadores do Tráfego.—Pelas 20 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º, leitura das teses a discutir no congresso confederal; 2.º, apreciar uma circular da C. G. T. sobre a conferência dos sindicatos discordantes da atitude da Federação Marítima.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Metalúrgica.—Conselho Federal.

—Reúne-se na próxima segunda-feira, às 20 horas, para apreciação das teses.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Distribuidores de Jornais do Porto

Reuniu-se em assembleia magna tendo-se ocupado da realização do Congresso Gráfico conforme noutro local noticiamos.

Foi apreciada uma local que a Associação Paz e Liberdade fez inserir num jornal da cidade, que foi largamente condenada, pela forma como essa associação está procedendo contra esta colectividade, pois que nunca tendo feito coisa alguma em favor da classe, pretende agora desautorizar este sindicato, no momento em que vem tratando da defesa dos seus interesses.

Votou-se uma moção sobre o assunto, pela qual a classe reitera a sua confiança à Associação dos Distribuidores de Jornais, considerando-a como sua legitima representante; se repudia a Associação Paz e Liberdade, formada para a prejudicar, pelo que os judas são recompensados; se repudia a nota officiosa a que nos referimos; e resolvendo a publicação de um manifesto à classe em que se ponha a claro o assunto mostrando-lhe de que lado se defendem os seus interesses.

S. U. Metalúrgico de Almada.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas, para nomeação de delegados ao Congresso Confederal.

AS GREVES

Na litografia Viúva Ferrão

Atendida a reclamação do pessoal, terminou o conflito

Depois da comissão administrativa do sindicato dos litógrafos ter feito uma demarche junto do industrial da litografia Viúva Ferrão, ficou ontem solucionado o conflito com o seu pessoal, que durava há 3 dias, por motivo dos industriais querearem que a redução de trabalho se fizesse por turnos, o que era contrário aos interesses desses operários.

Oxalá que este exemplo nobre do pessoal desta casa seja compreendido por toda a classe litográfica.

Congresso Confederal

Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão organizadora do Congresso Confederal.

ASSALARIADOS DO ESTADO

Reunem hoje os representantes do pessoal de todos os estabelecimentos do Estado

Convindam-se a reunir hoje, pelas 13 horas, na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha, calçada da Graça, 12, 1.º, os delegados dos assalariados de todos os estabelecimentos do Estado, a fim de apreciar e resolver sobre a interpretação dar na aplicação do decreto n.º 11.051, referente aos duodécimos. Tendo em atenção o interesse e transcendência do assunto, espera-se que não se faça sentir a falta de um só delegado.

Liga dos Vendedores de Jornais de Lisboa

Pedem-nos a publicação do seguinte comunicado:

«Reuniu a comissão administrativa da Liga dos Vendedores de Lisboa que apreciou uma local do *Primeiro de Janeiro*, de autoria da associação amarela dos vendedores de jornais do Porto, que, entre outras insinuações, «diz ser falso ter reunido a assembleia magna dos vendedores de jornais de Lisboa, pois se alguma reunião houve foi de elementos estranhos à classe visto a assembleia não ter sido convocada nos jornais».

A bem da verdade esta Liga declara que as convocações das suas assembleias vêm inseridas nos principais jornais de Lisboa e que se não foi aceite o delegado que veio a Lisboa em nome da Associação Paz e Liberdade, é porque esta colectividade, como acima se diz, é amarela e como tal não merece a confiança desta Liga».

Congressos Operários

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Impressores Tipográficos

Reuniram-se ontem em assembleia geral para apreciar as teses que vão ser apresentadas aos próximos congressos, tendo aprovado, entre outras, a tese:

«Nem por Berlim, nem por Moscúvia, nem por Amsterdão, mas pela Unidade do Movimento Sindical!»

Esta resolução pode ser tomada como uma reconhecida, pois quando foi debatida a questão das internacionais, de três modos se pronunciaram os seus associados: uns pela abstenção a qualquer delas, outros pela adesão à I. S. V., e ainda outros pela A. I. T., do que resultou a adesão a esta última sem que de facto tivessem maioria.

A resolução agora tomada obteve, devido ao exposto, uma grande maioria que, por certo, muito contribuirá para a unidade que é indispensável existir entre todos os impressores sindicados, qualquer que seja a tendência que preconizem.

Resolveu também nomear António Costa delegado aos Congressos da Federação do Livro e do Jornal e I Confederal.

Vendedores de jornais do Porto

Tendo-se reunido em assembleia magna a Associação de Classe dos Distribuidores de Jornais do Porto, para apreciar os trabalhos que vão ser discutidos no Congresso Gráfico, que realizar-se em Santarém, foi resolvido, depois de larga discussão, que nesse congresso seja tratada a questão dos menores no mister e a modificação no serviço da distribuição de jornais.

Depois de apreciada a atitude duma pseudo-associação de vendedores de jornais no Porto, conforme noutro local noticiamos, deliberou-se apresentar no referido congresso a reclamação dos cartões de identidade para os vendedores do sexo masculino maiores de 15 anos, e do sexo feminino, maiores de 21 anos, e que a distribuição seja feita pelo sistema de Lisboa.

II Congresso da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal (V Gráfico)

Regulamento.—1.º Constituem o Congresso: a) Os delegados das Associações, Ligas ou núcleos de trabalhadores da industria do Livro e do Jornal, existentes no país. b) A comissão organizadora do Congresso, o secretariado da Federação do Livro e do Jornal, a comissão administrativa do Conselho Inter-federal e os delegados da C. G. T.

2.º Os delegados a que se refere a alínea a) têm voto deliberativo; e as entidades a que se refere a alínea b) têm apenas voto consultivo.

3.º Cada organismo poderá fazer-se representar por um ou três delegados, mas para efeitos de votação apenas terá um voto, que será tomado por maioria entre os delegados.

4.º Os delegados só serão reconhecidos como tal, após a revisão dos mandatos, que será feita por uma comissão de três membros nomeada no início do Congresso.